

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

**Assunção sob as forças de ocupação:
matrimônios e amancebamentos entre militares brasileiros e paraguaias (1869-1876)**

Maria Adenir Peraro*

Resumo

O presente artigo aborda o contexto da ocupação de Assunção por parte das forças Aliadas, entre os anos de 1869 a 1876, com enfoque sobre os desdobramentos da desocupação, quando a emigração dos paraguaios rumo ao Império brasileiro foi protagonizado particularmente pelas mulheres que sobreviveram à guerra. Analisa ainda nos citados anos, as origens e os casamentos e mancebias entre os militares brasileiros e paraguaias em Assunção e Cuiabá.

Palavras-chave: Mulheres paraguaias – militares – Guerra do Paraguai.

Abstract

This article is about the context of the occupation of Assunção by the Ally Forces, between 1869 and 1876, focusing on the events that occurred during the evacuation, when the Paraguayan emigration toward the Brazilian Empire was led mainly by women who survived the war. It continues analyzing in these years mentioned above the marriages and concubinage between the Brazilian military soldiers and the Paraguayan women in Assunção and Cuiabá.

Keywords: Paraguayan women – military soldiers – Paraguay' Wars –.

A imagem de Assunção que melhor tem retratado o momento da Ocupação é a dos saques, destruição dos bens materiais e de um total abandono da cidade por parte de seus habitantes.. No entanto, a ordem de desocupação por parte do presidente Francisco Solano López parece não ter sido atendida e não impediu que uma pequena parcela da população permanecesse na capital e, de alguma forma, se inteirasse com as Forças Aliadas que entraram e se apossaram de Assunção no início de janeiro de 1869.¹

A Ocupação parece também não ter vindo acompanhada tão e somente de destruição e saques, característicos dos primeiros momentos. Supomos que tenha ocorrido a participação dos Exércitos Aliados na estimulação das atividades comerciais: abastecendo as tropas instaladas na capital e também a população com alimentos e bens.

Estudos realizados sobre esse período, permitem-nos aventar para a possibilidade de que tais condutas teriam permitido que os militares tidos como inimigos, passassem a

* Professora no Deptº e Mestrado em História do ICHS/UFMT. Doutora em História pela UFPR.

¹ A partir desse momento, a situação política do Paraguai caracterizou-se pelo antagonismo entre os países ocupantes – Brasil e Argentina, com maior predomínio político e econômico do Brasil, sendo que as tropas argentinas ocuparam a região do Chaco, quase despovoado e, as tropas brasileiras, em maior número, ocuparam todo o Paraguai oriental e a capital.

serem vistos no período com certo grau de receptividade, possivelmente não imaginada pela população paraguaia durante os primeiros anos do Conflito.

Perguntamo-nos quais fatores teriam contribuído para que ocorresse a aproximação entre a população de Assunção e as forças de Ocupação, especificamente, os inimigos militares brasileiros? Como entender a aceitação dos militares brasileiros por parte dos assuncenhos, das elites, ou o que havia sobrado delas, e das camadas populares, a ponto de muitos deles, terem, inclusive, se casado e constituído família? Algumas explicações podem ser dadas para que ocorressem essas aproximações como a miséria, as necessidades dela decorrentes advindas da guerra, além dos fatores, de ordem política e cultural.

Washington Aswell, narra a respeito das medidas que foram tomadas no Paraguai para socorrer aos sobreviventes mostrando-nos que a vida institucional e social do país, prosseguiu mesmo diante de um cotidiano atravessado pela miséria, sem que as atividades produtiva e comerciais do país tenham ficado inteiramente paralizadas. Em relatos, observamos que a cidade ocupada, passou a receber, além dos soldados, prisioneiros de guerra, civis, que por alguma razão passaram a acompanhar as tropas dos aliados e mulheres que acompanhavam as tropas em campanha.

Além das operações dos Aliados, comerciantes estrangeiros e casas comerciais foram estabelecendo-se. Já no ano de 1874, Assunção apresentava uma população de aproximadamente 10.000 habitantes, contando com 3.000 soldados brasileiros que viviam nos quartéis dos subúrbios (ASWELL. 1989:84).

Ashwhell, denomina esse momento de “momentos de improvisación”, em que a vida econômica da capital foi sendo moldada conforme os princípios da liberdade de mercado..

A imprensa de Assunção, atenta, não demorou em registrar e delatar aspectos do cotidiano de uma cidade sob a ocupação das forças estrangeiras contribuindo também para o gradativo retorno da vida institucional social e econômica do país, na medida em que conclamava a população e autoridades, principalmente para a valorização dos símbolos nacionais.

A Constituição da República do Paraguai promulgada em 1870, instituiu os princípios liberais, que buscavam, fundamentalmente, impedir a intervenção do Estado na economia. O Estado deveria restringir-se em manter a ordem e a paz interna, a administração, justiça, proteção dos direitos individuais e garantia da propriedade privada. Devia responsabilizar-se por atividades relacionadas à educação, imigração e execução de obras públicas.

Uma das formas encontradas pelos assuncenhos para enfrentar a crise provocada pela guerra e o reencontro de seus valores, parece ter sido mediante a recuperação de alguns de seus símbolos nacionais e da reorganização da Municipalidade de Assunção.

Ainda que não houvessem recursos fiscais e municipais decorrente da pobreza generalizada, a Municipalidade passou a tomar medidas como a restauração do hino nacional, a recriação de bandas militares e a elaboração de um novo plano do traçado para Assunção.

Em relação à agricultura, setor básico da economia nacional, não houve, programas oficiais de distribuição da terra. Ao Estado interessava a venda das grandes extensões de terras rurais aos imigrantes europeus. Constituição dispunha ainda que cabia ao Estado fomentar a imigração européia e americana,

Assim, sem condições de obtenção de posse da terra, coube à população nacional trabalhar nas colônias agrícolas dos imigrantes, nas explorações agrícolas, nas fazendas de gado, nas florestas de propriedade dos estrangeiros que foram estabelecendo-se no país no decorrer das décadas seguidas à guerra.

Para Barbara Potthast-Jutkeit, mesmo antes da Guerra, as mulheres ocupavam um importante papel no abastecimento do exército, sendo observadas nos quartéis militares de Assunção e Humaitá, realizando tarefas das mais variadas. Tais atividades continuaram nos tempos duros do pós-guerra. Segundo Keith Johnson, com a falta de homens aptos, as mulheres assumiram necessariamente as responsabilidades de cabeças de famílias para buscar o sustento dos filhos. A permuta dos produtos, era geralmente realizada nas ruas das cidades, por parte dessas mulheres e de seus filhos mais velhos, que se deslocavam todas as manhãs, para Assunção e cidades circunvizinhas.

Segundo o Censo de 1886 do Paraguai, 82% da população maior de 14 anos ainda dedicava-se à agricultura. O resultado da política econômica não tardou em aparecer. Um deles consistiu no gradativo deslocamento da população rural em direção às cidades principalmente para Assunção a procura de emprego ou na procura de fixarem-se naquelas atividades que já vinham desenvolvendo nas brechas do mercado econômico.

O momento se apresentava como escasso de possibilidades. Para muitos, era o momento de deixar o país. Emigrar. Para uma parcela de mulheres, a superação da difícil retomada da vida e da dor provocada pela perda de um pai, marido ou irmão, veio acompanhada, por vezes, com a resignação do casamento com um estrangeiro, oficiais das forças vitoriosas, estabelecidos na capital do país nos longos seis anos em que os militares transitavam de um lugar a outro. Essa situação, pode ser aplicada às mulheres pertencentes às famílias da burguesia paraguaia, viúvas e solteiras. No caso das mulheres das camadas

populares, o contato com os militares, ocorria, além das festas, no âmbito das relações cotidianas, estabelecidas durante a guerra e nas permutas e fornecimento de mercadorias e de alimentos aos quartéis, estação ferroviária, ruas da capital, na lavagem das roupas, feitura dos alimentos e prestação de serviços como zeladoras das moradias e nas enfermarias de hospitais.

Essas relações, em sua plenitude, dificilmente podem ser aquilatadas, no entanto, alguns indícios foram deixados na documentação eclesiástica. Nos livros de registros de casamentos do Arquivo da Cúria Metropolitana de Assunção, (ACMA), encontramos pistas sobre os militares brasileiros e mulheres paraguaias “recebendo-se em casamento” em Humaitá, no ano de 1870, onde observamos algumas características demográficas dos nubentes a partir do nome, nacionalidade, naturalidade, nome dos pais e o batalhão a que o noivo pertencia. Dentre os onze casamentos registrados em Humaitá entre os meses de junho a agosto de 1870, observamos a procedência dos militares, preponderantemente das províncias do norte do Império brasileiro. Dos 11 militares nubentes, 04 eram provenientes da província da Bahia, 03 de Pernambuco, 01 do Maranhão, 01 de Minas Gerais e 02 sem identificação do lugar. Por sua vez, as noivas, foram registradas como sendo da República do Paraguai e de variadas localidades do país tais como: Assunção em número de 02, Bassuiso-Grande 01, D’Erequa 01, Iguatimin, 01 de Encarnación e 01 sem identificação. Além disso, os registros permitem-nos observar que duas das mulheres tiveram sua nacionalidades registradas como sendo de Corrientes, da Argentina e, Bahia, do Império do Brasil.

Em relação a noiva brasileira, Joana Batista do Porfino, da província da Bahia cujo registro aponta enlace matrimonial com um militar brasileiro, Severiano José de Souza, coincidentemente, também da Bahia, pode ser um indicativo do esforço de ambos na manutenção dos laços afetivos construídos talvez mesmo antes do início da guerra, levando a que Joana acompanhasse Severiano em direção ao Paraguai e particularmente a Humaitá, somando-se ao contingente de mulheres e homens ali fixados.

No tocante a nubente de Corrientes, apoiamo-nos em Potthast-Jutkeit, ao afirmar que historicamente, Corrientes era uma das províncias vizinhas de fortes laços com o Paraguai, inclusive, onde também se falava o guaraní, o que possibilitava, segundo a autora, uma rápida integração com a população local. Jutkeit, observa que mesmo antes da guerra, já era possível perceber a migração de paraguaios em Corrientes sobretudo os homens, que viajavam com fins comerciais e buscavam melhorar a sua sorte no estrangeiro (POTTHAST-JUTKEIT.1996:327).

Os livros de casamento em estudo, informam também a respeito da origem dos militares brasileiros, oriundos de várias localidades do Império brasileiro como o quadro permite-nos observar: Pernambuco, Maranhão, Minas Gerais, Goyás e Bahia. Chama-nos atenção a incidência de noivas cujos pais foram registrados como falecidos. Infelizmente, não há indicativo sobre a idade dessas mulheres, se jovens ou não, com exceção de uma pista sobre Maria P. Gonçalves, casada com o brasileiro Cabo da Esquadra do 4º Batalhão de Artilharia a Pé, José Benedito Pereira, de Minas Gerais, que possivelmente pudesse ter mais idade, em razão de constar no registro o seu estado civil de viuvez.

Notamos ainda, que esses noivos militares ocupavam postos em variados Batalhões: o de Infantaria, de Artilharia a Pé, de Engenharia e do Corpo de Voluntários. Esses Batalhões, eram os que se seguem: 17º Batalhão de Infantaria (extinto e adido ao 22º Batalhão da mesma denominação); 5º Batalhão de Corpos de Voluntários da Pátria; 3º e 4º Batalhão de Artilharia a Pé e Batalhão de Engenheiros.²

A convocação de retirada implicou em uma reorganização da vida dos noivos e pode ter acelerado uma certa tendência de emigração dos paraguaios em direção aos países de fronteiras vizinhas, como o Império do Brasil e República da Argentina.

Muitos desses homens, a partir de 1876, ano em que o Governo brasileiro ordenou a retirada de todos os militares de Assunção e do Paraguai partiram sem suas mulheres, ou sem seus filhos ilegítimos. Partiram sem retornar como quem quisessem esquecer o que a guerra significou: os sofrimentos, os atos por eles cometidos durante a ocupação, as desavenças, as necessidades, as dores e as poucas alegrias.

Portanto, para os militares casados no Paraguai, o retorno ao país de origem, implicava em assumir perante os familiares, uma esposa e possivelmente filhos tidos durante os anos de estadia no Paraguai. Para aqueles militares amancebados, em estado de solteiro, possivelmente com filhos ilegítimos, tidos sem a benção da Igreja Católica, pode ter sido o momento de partir para o Brasil com essa “nova” família tendo em mira um posterior enlace matrimonial no país de origem e perante seus familiares.

E para as mulheres, o que pode ter significado a partida?

Para as mulheres, acompanhar a leva dos militares que partiam por ordem do governo brasileiro, pode ter sido uma das oportunidades apresentadas para sair do país, o que veio contribuir para acentuar a emigração dos paraguaios rumo aos países fronteiriços.

² O 17º Batalhão de Infantaria, o 3º e 4º Batalhões de Artilharia a Pé, o Batalhão de Engenheiros, o Batalhão de Pontoneiros participaram de várias campanhas durante a Guerra do Paraguai. Os Batalhões de Pontoneiros e de Engenheiros construíram a estrada e pontes em apoio a manobra de Caxias para tomar a Fortaleza de Humaitá.

Os deslocamentos eram movidos por uma certa facilidade tendo em vista os passes grátis proporcionados pelos brasileiros, ainda que a contragosto do governo paraguaio. Os referidos passes grátis fornecidos aos militares brasileiros e aos seus familiares, acabaram sendo suspensos por parte do o governo brasileiro a partir de 1877 por achar desnecessário mante-los, tendo em conta a ordem da desocupação.

Lembramos que dentre as várias mudanças ocorridas no final do século XIX, para os países envolvidos na Guerra, encontra-se a internacionalização do Rio Paraguai até Corumbá, na parte sul da província, possibilitando o desenvolvimento comercial e a ligação aos portos do Cone-Sul: Assunção, Buenos-Aires e Montevideu (OLIVEIRA.2005:22).

Na capital de Mato Grosso, um dos pontos em que primeiramente os paraguaios foram alojados ainda durante a guerra, consistiu no acampamento militar situado nas margens do Rio Cuiabá, criado especialmente para os soldados do Império recrutados para o combate e para os prisioneiros de guerra.

A população paraguaia fixou-se em outros pontos como nas duas Freguesias urbanas: da cidade de Cuiabá: Sé ou Senhor Bom Jesus de Cuiabá, núcleo central, e na de São Gonçalo de Pedro II, localizada no Porto. Os paraguaios acabaram por fixar-se no lugar que passou a se chamar “Aldeia Paraguaia”, localizada no Baú que, juntamente com a Mandioca, Lavapés e o Mundéu, integravam o núcleo central da Sé (VOLPATO.1993:104). Vizinho ao Baú, encontrava-se localizado o Acampamento do 8º Batalhão de Infantaria, espaço esses que propiciava os encontros e as relações entre os militares e as mulheres da Aldeia Paraguaia.(SOUZA.2002:93).

Os autos de justificação de estado de solteiro e de viuvez, contém informações a respeito dos batalhões e corpos de militares adidos em Cuiabá, em meados da década de 1870, como o 21 Batalhão de Infantaria, o 8º Batalhão de Infantaria, o 20º Batalhão de Voluntários da Pátria , o 1º Corpo de Cavalaria, 2º Batalhão de Artilharia a Pé, e o Batalhão de Infantaria número 19, o 3º Regimento de Artilharia a Cavalo, cujos componentes eram naturais de outras províncias do Império.

As informações apresentadas indicam a naturalidade dos noivos, militares, como sendo das Províncias do Piauí, Maranhão, São Paulo, Minas Gerais, Ceará, Goiás, Sergipe, Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Bahia e por fim, de Mato Grosso.

Tomaremos primeiramente como estudo de caso, dois processos referentes a militares que na década de 1870 entraram no Juízo Eclesiástico requerendo permissão para se casar.

O primeiro, Mathias José Alferes, dizia ter 30 anos, nascido no Maranhão, batizado, filho legítimo, saiu sua terra natal em direção ao Paraguai para participar da guerra e após o término do conflito, chegou no ano de 1876 na Província de Mato Grosso. O outro, Benedito Antonio dos Santos, nascido em São Paulo, batizado em Taubaté, filho ilegítimo, 28 anos, músico do 8º Batalhão. De São Paulo, Mathias migrou para a província do Rio de Janeiro, de onde fora enviado para o Paraguai e após a guerra, ingressou em Mato Grosso no ano de 1876. Não é por mera coincidência que ambos chegaram em Mato Grosso no mesmo ano, 1876 e, sim, por contingência da atividade a que estavam submetidos, pois o ano de 1876, fora ao ano em que o Império ordenara a retirada dos todos os militares brasileiros de Assunção.

Importa lembrar que à época, o casamento com um militar era almejado por parte das mulheres, independentemente da classe social a que pertencessem, por razões de status, amparo perante o Estado, no sentido de reivindicar junto ao Exército a pensão a que poderiam fazer jus. A valorização dos militares fora acentuada com a Guerra do Paraguai, momento em que os militares se apossaram do sentimento de distinção de classe, de superioridade frente aos civis.

É possível pensarmos na possibilidade de que parte das migrantes paraguaias reproduziram em Mato Grosso e, no caso, em Cuiabá, o “modelo” ou a prática social da mancebia já experimentada no país de origem. Conforme estudos já demonstraram havia uma significativa incidência de filhos bastardos em Mato Grosso, onde o espaço social de Cuiabá, foi tomado como estudo de caso³, o que poderia ter contribuído para uma melhor adaptação e inserção do contingente paraguaio no novo espaço social. Esta possibilidade quando relacionada ao condição civil e religião dos paraguaios recenseados em 1890, apontam nessa direção. No cotidiano, nem sempre as práticas caminhavam na mesma direção das normas da Igreja e de suas prédicas.

Do exposto, podemos considerar que a Guerra do Paraguai, ocorrida há 142 anos, ainda é um capítulo na história da América do Sul que continua despertando interesse, visto que muitos aspectos permanecem polêmicos, resultando nas academias e universidades em vasta publicação de pesquisas com propostas de estudos complementares e inovadoras às já existentes. Emerge dentre os estudiosos ainda, como no nosso caso, a preocupação com a localização dos arquivos referentes á guerra. Após meses de busca, podemos considerar que dentre os arquivos em que podemos nos debruçar para aprofundar análises sobre os agentes

³ A respeito da incidência dos filhos bastardos e das uniões consensuais e amancebamentos em Cuiabá, verificar em PERARO, Maria Adenir. *Bastardos do Império. Família e sociedade em Mato Grosso no século XIX*. Op. Cit.

históricos que participaram do evento, constituem-se nos acervos eclesiásticos, importantes por oferecerem novas possibilidades de estudos sobre o período da Ocupação militar das forças aliadas em Assunção e nas décadas imediatas à desocupação. Décadas essas em que, além dos “ajustes” diplomáticos realizados entre os governos dos países partícipes da guerra a respeito das fronteiras, com perdas significativas para o país vencido, igualmente podem ser observados os deslocamentos populacionais ocorridos entre as fronteiras do Brasil e Paraguai e do Paraguai e Argentina, sob os olhares atentos dos governantes dos três países, cada qual em defesa de seus interesses.

Referências Bibliográficas

- ASWELL, Washington. **Historia Economica Del Paraguay**. Estructura y Dinamica De La Economia Nacional. 1870-1925. Asunción: Carlos Schauman Editor, 1989.
- DECOUD, Arsenio Lopez. **Álbum Gráfico De La República Del Paraguai**. Edición Facsimilar. Asuncion: Cromos, S. R. L. Talleres Graficos, 1983.
- DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. **Maldita Guerra: Nova história da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- _____. **A ocupação político militar brasileira do Paraguai (1869-76)**. In: CASTRO, Celso et al. *Nova história militar brasileira*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. P. 209-235
- MARQUES, Maria Eduarda Castro Magalhães (Org.). **A Guerra do Paraguai 130 anos depois**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- NORA, Pierre. **Entre memória e História. A problemática dos lugares**. *Revista Projeto História*. Vol.10, São Paulo, dez/1993.
- PERARO, Maria Adenir. **A população urbana de Cuiabá**. Cuiabá: EdUFMT, 2005. [Cd-Rom]
- _____. **Bastardos do Império. Família e Sociedade em Mato Grosso na segunda metade do Século XIX**. São Paulo: Contexto, 2001.
- POTTHAST-JUTKEIT, Barbara. **“Paraíso de Mahoma “ o “País de las Mujeres”? El rol de la familia em la sociedad paraguaya del Siglo XIX**. Asunción: Instituto Cultural Paraguayo-Alemán Editor, Editora Litocolor SRL, 1996.
- TAUNAY, Visconde de. **Diário do Exército: campanha do Paraguai, 1869-1870**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2002.
- SILVA, Alberto Ribeiro da. **A noite das kygua vera**. In: *Revista de História Regional*. Departamento de História – UEPG. Vol.1-N1. Ponta Grossa, 1996.
- VIOLA, Alfredo. **Asuncion bajo la dominacion extranjera. (Breve Resenha)**. In: *Anuario de la Academia Paraguaia de la Historia*. Vol. XXIII. Asunción, 1986.